

## **GT 03: (INCLUSÃO ESCOLAR: FORMAÇÃO DOCENTE E DESAFIOS PARA IMPLEMENTAÇÃO)**

### **ANÁLISE E CONVÍVIO: OBSTÁCULOS ENCONTRADOS NA FORMAÇÃO ESCOLAR E OS DESAFIOS NA TRAJETÓRIA DA VIDA**

Arônio Dias Cipriano<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Aluno da Universidade Regional do Cariri-URCA

E-mail: [diasaronio@hotmail.com](mailto:diasaronio@hotmail.com)

Célia de Jesus Silva Magalhães<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri, Departamento Línguas e Literaturas,

E-mail: [celia.magalhaes@urca.br](mailto:celia.magalhaes@urca.br)

#### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual, os métodos utilizados para mediar a aprendizagem, a caracterização de como se dar os processos de leitura e de ensino para os deficientes visuais, investigando o papel dos professores e a forma que auxiliam os alunos nas suas produções textuais. O trabalho surgiu de um projeto de pesquisa desenvolvido na disciplina de Laboratório de Produção Textual II, na universidade Regional do Cariri (URCA) Campus – Missão Velha e como instrumento de coleta de dados, fizemos uma entrevista semi estruturada com a (ADC), que foi a principal protagonista deste trabalho. Para a elaboração do projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada nos argumentos de Kastrup (2007), Masini (1993) e Freitas (2008). Concluímos que, para que ocorra a inclusão de fato do aluno com deficiência visual, indo muito além de uma simples matrícula é preciso que professores a equipe pedagógica e gestora da escola e funcionários, aceitem o aluno deficiente, com normalidade e igualdade, buscando conhecer suas necessidades e suas potencialidades.

**Palavra chaves:** Inclusão. Deficiência Visual. Igualdade Social. Direitos.

#### **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho surgiu de um projeto de pesquisa que tem o propósito de investigar os caminhos perceptuais do portador de deficiência visual e analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual e quais métodos utilizados.

Estudos mostram que o diagnóstico da cegueira pode não ser imediato, a diferença mais significativa não é entre cegos congênitos e precoces, mas entre precoces e tardios, em função da existência, nos últimos, de referências visuais e coordenações neurais entre as modalidades sensoriais, que ocorrem, em média, até os três anos de idade.

Sabemos que a deficiência visual pode ser de origem hereditária (catarata congênita, glaucoma etc.) ou adquirida (acidentes, doenças, deficiência de vitamina A, entre outros) em alguns casos podendo ser controladas. Esse projeto vem relatar a deficiência visual congênita, ou seja, de pessoas que nunca viram nada e se insere na história de vida de (ADC), relacionada as suas principais dificuldades na vida e na escola, devido a sua deficiência.

A deficiência visual é vista como uma impossibilidade do indivíduo interagir com o meio social, acreditar nessa assertiva é uma forma de marginalização. Apesar da sociedade criar meios, estruturas, ambientes como escolas, locais de trabalho e urbanização para facilitar o acesso desses portadores da deficiência, essas atitudes ainda se caracterizam por inadequadas e ineficientes, pois ainda são limitadas tanto nos centros urbanos como nas instituições.

Incluir na educação básica a pessoa com deficiência visual merece um olhar mais atento, mais minucioso, em face da possível rejeição do grupo para com essa pessoa, e assim, não podemos imaginar uma inclusão meramente ilusória, isso é, apenas colocar essa pessoa em meio aos outros, e deixar fluir naturalmente sua interação, sem oferecer as condições dignas para uma vida com dignidade e direitos.

O objetivo do trabalho é analisar as dificuldades das crianças e as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual e quais métodos utilizados para mediar à aprendizagem, e caracterizar como acontecem os processos de leitura e de ensino para os deficientes visuais, e como se dá o processo de ensino e aprendizagem do deficiente visual, investigando como os professores auxiliam os alunos nas suas produções textuais.

O que levou a realizar esse projeto foi o convívio com (ADC) que possui deficiência visual, tem me mostrado força e desejo para colaborar com esse projeto com o intuito de apontar as dificuldades e os desafios encontrados na trajetória da vida, desde o nascimento até os dias atuais.

Para a elaboração do projeto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada nos argumentos de KASTRUP (2007) que fala da invenção na ponta dos dedos: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual, MASINI (1993) onde aborda sobre a educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e do não vidente, e FREITAS (2008) que mostra as habilidades sociais de pessoas com deficiência visual. Como instrumento de coleta de dados, faremos uma

entrevista semi estruturada com a (ADC), que será a principal protagonista deste trabalho. Essa entrevista tem como objetivos coletar os relatos e desafios encontrados durante a trajetória da minha irmã, portadora de deficiência visual, para que possamos detectar e elencar as dificuldades apresentadas por ela, principalmente com relação ao seu acesso, permanência e aprendizagem na escola. Seguindo a mesma linha metodológica, aplicação de um questionário com 10 professores da rede municipal da cidade de Mauriti – CE com relação às dificuldades em ensinar a um aluno com deficiência visual e se eles já tiveram alguma formação na área de inclusão.

## **2 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O processo de inclusão é uma necessidade para que todo portador de necessidades educativas especiais seja incorporado à sociedade, como um ser humano, possuidor de direitos e oportunidades. A inclusão escolar faz parte desse processo, como uma possibilidade de ampliar habilidades sociais e de oferecimento de meios de inserção social, sendo para além de um espaço de convivência, também um momento de aprendizagem de conteúdos socialmente definidos como relevantes. Muitas habilidades sociais são, teoricamente, mais facilmente aprendidas por crianças videntes, pois estas se valem, principalmente, da observação visual do comportamento dos pais e dos colegas para aprenderem novas habilidades.

MASINI (1993, p.71) diz que “é importante saber da acuidade visual para perto e para longe, pois a primeira é utilizada na situação escolar e a segunda relaciona-se com a possibilidade de locomover-se e relacionar-se nesse ambiente”. A inclusão escolar de deficientes visuais, em rede regular de ensino, solicita dentro da especialidade desta deficiência, estudos que se comprometam a melhorar cada vez mais tal realidade corrente, posto que a ausência de visão acarrete diferenciação da forma de apropriação do conhecimento, e conseqüentemente, dificuldades, se mantidos os padrões de ensinamentos comumente utilizados.

A cegueira e a baixa visão possuem várias causas e podem afetar o indivíduo em qualquer fase ou idade da vida, podendo ser repentina, como em um acidente, ou gradativa, como uma doença. A nova realidade passa a interferir em diferentes habilidades e atividades diárias, mas isso não significará impossibilidade de uma

vida independente e plena, basta um atendimento educacional apropriado e o acesso a programas e serviços de reabilitação.

Algumas das transformações cognitivas da deficiência visual adquirida estão diretamente relacionadas à redução da eficiência de habilidades e hábitos anteriores, ou seja, de comportamentos caracterizados pelo automatismo, como verter água num copo, colocar pasta na escova de dente ou caminhar pela rua. KASTRUP (2007, p.70).

Destaca-se que o comportamento automático é um comportamento sem atenção. Sua utilidade na vida prática é justamente liberar a atenção para outras atividades. Assim, quando um vidente caminha para o trabalho, seguindo seu percurso habitual, libera a atenção para pensar em algo que está lhe preocupando, em um compromisso que terá no final da tarde, ou tentar lembrar-se de algo que aconteceu no dia anterior.

FREITAS (2008, p.3) relata que:

“em outras palavras, pessoas cegas não possuem necessariamente deficiências nas funções de linguagem. Há diferenças sutis na forma com a qual a linguagem se desenvolve na criança. Em algumas crianças com deficiência visual suas primeiras palavras tendem a demorar a aparecer, mas, ao começarem a produzir palavras, seu vocabulário se expande rapidamente e uma vez adquirida à linguagem, esta se torna fluente.”

O deficiente visual percebe o mundo por outros "olhos", sendo o tato e a audição as suas maiores riquezas, e frente às diferenças apresentadas, a inclusão escolar requer necessárias adaptações, através da utilização de estratégias de ensino com a utilização dos sentidos remanescentes. Considerando indivíduos com deficiência visual como pertencentes a uma subcultura específica, o presente estudo defende a importância de pesquisas sobre as habilidades sociais destes grupos populacionais. Tal investigação poderia gerar dados importantes da peculiaridade das habilidades sociais nesta população, fornecendo subsídios para programas educativos nessa área e em outras.

Desta forma, é necessário o uso de estratégias e recursos tecnológicos apropriados. Recurso importante é a aprendizagem do sistema Braille de leitura e escrita. O uso do livro didático ilustrado com desenhos, gráficos, cores, diagramas, fotos e outros recursos são inacessíveis para os alunos com deficiência visual e a sua

transcrição ao Braille se torna indispensável devendo ser fiel ao conteúdo e respeitar normas e critérios estabelecidos pela Comissão Brasileira do Braille. Já o uso do livro didático adaptado para alunos com baixa visão, é relevante se ter conhecimento de como esse aluno vê.

O que levou a realizar esse projeto foi o convívio com minha irmã (ADC) que possui deficiência visual, tem me mostrado força e desejo para colaborar com esse projeto com o intuito de apontar as dificuldades e os desafios encontrados na trajetória da vida, desde o nascimento até os dias atuais.

A deficiência visual está inserida entre as necessidades especiais. Essa deficiência se refere à situação irreversível de diminuição de resposta visual em virtude de causas hereditárias e pode ser classificada como leve, moderada, severa e profunda (cegueira). No Caso da minha irmã, foi à cegueira profunda. Ela é considerada cega congênita, ou seja, que nunca viu, e seu sistema cognitivo é, desde o nascimento, constituídos com base nos demais sentidos e sem referência a elementos visuais.

O que mais impressiona são a habilidade e inteligência que a minha irmã possui, pois sempre buscou aprender mais, mesmo sem enxergar, com essa limitação ela enxerga além da imaginação. Com o intuito também de conhecer o Braille (é um sistema de escrita tátil utilizado por pessoas cegas ou com baixa visão) nos dias de hoje e vêm ajudando no desenvolvimento e na aprendizagem das pessoas cegas. O que mais dificulta é que muitos professores não estão preparados para ensinar aos deficientes visuais, isso também me motivou a investigar a necessidade do governo investir na formação de professores, na perspectiva de possibilitar um ensino adequado as pessoas com deficiência visual.

O apoio da família tem ajudado muito a encarar a realidade com determinação e persistência, pois, os obstáculos eram muitos, e as condições poucas, onde tudo era difícil, até para ir à escola, só depois de muitas lutas ela conseguiu ingressar na escola tendo a ajuda de uma professora de Braille, que corrige todos os trabalhos, atividades e avaliações.

Desde criança ela canta e compõe, começou com onze anos de idade, já gravou dois CDs, músicas de sua autoria e hoje esta registrada em cartório e no Clube dos Compositores do Brasil.

O intuito desse projeto é mostrar que apesar dos desafios enfrentados na vida, nunca é tarde para estudar e para aprimorar o conhecimento. São inúmeros

deles durante todo o percurso, desde o nascimento até os dias atuais, e o convívio com as pessoas e o apoio ajuda a não se sentir excluído da sociedade e valorizado por todos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda evidencia-se o papel das tecnologias assertivas para a inclusão dos deficientes visuais. O seu uso faz com que essa pessoa tenha um ganho em independência, qualidade de vida e inclusão. Envolve todo e qualquer artefato utilizado como auxílio, por exemplo, computadores, calculadora sonora, balança sonora, termômetro sonoro e identificador de chamada telefônico sonoro,

Para que ocorra a inclusão de fato do aluno com deficiência visual, indo muito além de uma simples matrícula é preciso que professores a equipe pedagógica e gestora da escola e funcionários, aceitem o aluno deficiente, com normalidade e igualdade, buscando conhecer suas necessidades e suas potencialidades. Relevante também é ser promovida uma sensibilização e conscientização da comunidade escolar podendo ser através de palestras, reuniões, material escrito, para que o ingresso e permanência do aluno deficiente visual sejam facilitados pelo conhecimento de todos da sua realidade.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Coordenadoria Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, **Acessibilidade**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2005.

FREITAS, Lucas Cordeiro; **Habilidades sociais de pessoas com deficiência visual**. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2008, vol.4, nº 1.

KASTRUP, Virgínia; **Ainvenção na ponta dos dedos**: a reversão da atenção em pessoas com deficiência visual. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.13, n. 1, p. 69-90, jun.2007.

MASINI, Elcie F. Salzano; **Aeducação do portador de deficiência visual** – as perspectivas do vidente e do não vidente. Em Aberto, Brasília, ano 13, n.60, out./dez. 1993 .